



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

## PANDEMIA E IMAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE VEJO DA MINHA JANELA?

Silvia de Amorim

PPGE/UDESC

silviade.amorim@gmail.com

Ana Paula Nunes Chaves

PPGE/UDESC

ana.chaves@udesc.br

### Resumo

O presente texto faz parte da pesquisa de mestrado *As Imagens e os Territórios Brincantes: vivências do NEIM Doralice Teodora Bastos na pandemia realizada no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e tem como objetivo apresentar e refletir sobre a estratégia pedagógica *O que vejo da minha janela?*, elaborada por professores de educação infantil durante o ano de 2020. A pesquisa explora a ação docente de um grupo de professores do NEIM Doralice Teodora Bastos, em Florianópolis/SC, durante a pandemia e reflete como esse período tornou-se um tempo para pensar novas ações envolvendo a cultura visual e a produção de imagens do cotidiano da criança. Partimos dos estudos de Inés Dussel, Wenceslao Machado de Oliveira Junior e Vivien Kelling Cardonetti para problematizar a imagem para além de seu papel de ilustração, como algo que envolve o novo fazer docente. A estratégia pedagógica propôs capturar uma imagem fotográfica da janela da casa da criança, a socialização das imagens com as famílias e a produção de um vídeo construído pelos professores a partir das fotografias. As janelas abertas e com suas imagens capturadas contaram histórias infantis e construíram diferentes narrativas do olhar dos professores em sua atuação docente em tempos atípicos.*

**Palavras-Chave:** Imagens; Cultura Visual; Educação Infantil; Pandemia

### ABRINDO AS CORTINAS

*Da janela, o mundo até parece o meu quintal.*

Milton Nascimento

Nestes últimos meses o novo coronavírus (SARS-CoV-2), a Covid-19, se fez presente no mundo inteiro como uma grave doença que levou as pessoas a interromperem os fluxos de atividades diárias, a reestruturar as suas rotinas e as formas de interações sociais. Novas



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

maneiras de se comunicar, trabalhar e socializar surgiram para garantir a não circulação do vírus ou, pelo menos, a tentativa de limitação de seus raios de alcance.

Na aérea da educação, as instituições escolares reformularam a maneira de fazer docência, e em particular neste texto, as destinadas à primeira infância. Os professores da educação infantil foram desafiados a utilizar as tecnologias digitais, as plataformas virtuais, a produzir imagens por meio de fotografias, filmes como mecanismo de comunicação e interação com as crianças intermediadas pelas famílias. Essa nova relação dos professores com a imagem poderia ser interpretada como um forma de *educar la mirada?*, como proposto por Inés Dussel (2006)? A pandemia seria uma oportunidade para reeducar nosso olhar sobre as imagens e sua utilização no contexto educativo?

As transformações escolares impostas pela pandemia da Covid-19 fez com que a relação e comunicação entre professores e crianças passasse a ser realizada somente por meio das telas de celulares e computadores, mediadas pelos familiares. Essa nova forma de atuação docente passa por um processo de desconstrução da concepção de utilização da imagem por professores em sala de aula. Nesse momento atual, não caberia a utilização das imagens exclusivamente para a composição de materiais auxiliares no fazer docente. A utilização das imagens pode e deve extrapolar a intenção de “ilustrar/ mostrar, um determinado fato ou elemento [...] e auxiliar o professor a ensinar um conteúdo curricular específico” (OLIVEIRA JR, 2019, p.3). A utilização das imagens pode conviver com o novo formato de ensino, como um novo fazer docente, com estratégias pedagógicas para diferentes contextos com vivências distintas daquelas apresentadas no ensino presencial.

Dessa maneira, a proposta desta escrita é apresentar como a pandemia contribuiu para que professores da educação infantil pudessem criar ações pedagógicas fazendo uso da imagem audiovisual. Neste caso em específico, será abordado uma prática pensada para o contexto de educação infantil do NEIM Doralice Teodora Bastos localizado, no município de Florianópolis/SC, envolvendo a família, a criança e o espaço físico da casa. A proposta *O que vejo da minha janela?* explora a reflexão sobre qual imagem a criança visualiza da janela de casa e seu desejo de partilhar o que vê com professores e as outras famílias.



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

## O QUE VEJO DA MINHA JANELA?

Um novo contexto educativo se fez presente durante o período pandêmico, em particular, nos primeiros meses do ano de 2020. O fazer docente saiu do espaço físico da sala de aula e passou a ocupar os meios virtuais, fazendo com que a relação com a imagem e a sua produção se alterasse. Nesse sentido, nos perguntávamos: como as instituições escolares estão encontrando alternativas para se envolverem, se relacionarem com a produção e interação com as imagens?

A partir das possibilidades múltiplas de uso da imagem em sala de aula, investigamos a proposta *O que vejo da minha janela?* desenvolvida por professores do NEIM Doralice Teodora Bastos, durante os meses de março a dezembro de 2020. A pergunta *O que vejo da minha janela?* norteou o desenvolvimento de um conjunto de estratégias construídas para se trabalhar com as crianças da educação infantil. Na primeira ação, os professores escolheram uma das janelas de sua casa e fotografaram a imagem vista dela. Na segunda estratégia, os professores editaram as fotografias com o objetivo de elaborar um filme que socializasse as imagens e, ao mesmo tempo, convidava as famílias e as suas crianças a realizarem o mesmo. No terceiro momento, as famílias deixaram de ser espectadoras e passaram a ser produtoras de imagens. A socialização acontecia por meio da lista de transmissão do *WhatsApp*, porém, somente os professores tiveram acesso às imagens escolhidas pelas famílias. Com as imagens enviadas pelas famílias, os professores se transformaram novamente em produtores, pois as imagens foram editadas e transformadas em um novo filme. Neste momento, o filme foi construído apenas para socializar o que cada um viu da janela escolhida.

Na atividade *O que vejo da minha janela?* a produção de imagens estava diretamente ligada aos aspectos sociais, culturais influenciadores no enquadramento escolhido para ver (DUSSEL, 2009). A escolha da janela e do momento exato para o registro fotográfico e a sua socialização perpassou pelos conceitos de afeto e afetado apontados por Cardonetti e Oliveira (2017), pois os efeitos simultâneos acontecem de maneiras distintas para cada



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

sujeito. Cada integrante da família, quando se relacionava diferentemente com as imagens vistas das janelas a sentia de uma maneira, era afetado de uma forma específica.

O processo vivenciado de montagem a partir das imagens das famílias é explicado por Migliorin e Pipano (2019, p. 151) como “uma potência que o ressignifica”. Na leitura dos autores, a junção destas fotografias valoriza a função “agir-imagem” (2019, p. 154) e significa dar sentidos diferentes quando observadas e interpretadas pelo outro. Durante a dinâmica da atividade proposta, as famílias se movimentavam como espectadoras-produtoras-espectadoras, e reconheceram a sua fotografia diante das outras imagens.

Nessa experiência, conferimos que a imagem não se compõe isoladamente e que “os próprios significados e (sem) sentidos de uma imagem não estaria nela própria, mas sim na tropa de imagem que ela aciona” (OLIVEIRA JR, 2020, p.8). Assim, quando as famílias assistiram ao filme, tiveram o contato com outras imagens, com outros sentidos e significados diversos dados pelas outras famílias. Essa ação ocorria quando visualizavam as imagens e elas acionavam mentalmente a recordação de outras imagens vistas ou não através de uma janela.

## O FECHAR DAS CORTINAS

As cortinas fechadas não apagam as imagens vistas das janelas salvas nas mentes. O que se teve através das janelas foram fotografadas, ricas em detalhes que compõem as narrativas, representam o momento real, num determinado espaço e tempo Massey (2017) por meio de diferentes histórias que se cruzam. Portanto, o espaço da janela tem nele diferentes histórias e as famílias fotografaram um recorte deste espaço e tempo cotidianos.

O destaque é dado para a relação que o fotógrafo construiu com a janela, ao selecionar o momento ideal, com a luminosidade certa, com a presença da lua, dos passarinhos cantando ou, simplesmente, uma tela de proteção. A realidade do lar das crianças, registrada pelas câmeras dos celulares, transformou a produção da imagem com uma ação docente potente em tempos pandêmicos. O filme, com todas as imagens, passou a dar outro sentido para as



VI Colóquio Internacional  
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

fotografias e o conjunto destas pode afetar de forma distinta cada uma das famílias que o assistiu.

Na construção do fazer docente, na educação infantil, se fez necessário compreender esta nova organização, com o intuito de permanência e fortalecimento do vínculo afetivo entre professores, familiares e crianças. Entender este processo é perceber a força que ganha a fotografia e o filme no atual contexto. São por meio destas imagens, apresentadas normalmente em telas de celulares e computadores, que as crianças e famílias apresentam aos professores como vivenciaram a pandemia.

#### Referências

CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Imagens fílmicas infantis: espaços de incidência inventiva. **Horizontes**, [S.L.], v. 35, n. 2, p. 27-37, 31 ago. 2017. Casa de Nossa Senhora da Paz A.S.F. <http://dx.doi.org/10.24933/horizontes.v35i2.306>. Acesso em: 15 maio 2021.

DUSSEL, Inés. Educar La mirada: reflexiones sobre uma experiência de producción audiovisual y de formación docente. In: DUSSEL, Inés; GUTIERREZ, Daniela (Eds.). Educar la mirada: políticas y pedagogías de la imagen. Buenos Aires: Manantial, 2006. p. 165-177.

DUSSEL, Inés. Escule y cultura de la imagen: los nuevos desafíos. **Nómdas**, n 30, p. 180-193, abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/noma/n30/n30a14.pdf> Acessado em: 12 jun. 2021.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, v. 19, n. 40, p. 36-40, mai/ago 2017.

MIGLIORIN, Cesar; PIPANO, Isaac. Camerar um ponto de ver: a pedagogia das imagens em Boa Água. **Rebeca** - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. v. 8, n. 1, 2019. Disponível em: <https://rebeca.socine.org.br/1/article/view/563>. Acesso em: 03 jun. 2021.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Fotografias, geografias e escola. **Signos Geográficos**, v.1, p. 1-15, 2019. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/signos/article/view/60573> Acesso em: 03 jun. 2021.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Tropas de imagens partilham o (não) saber geográfico: territórios contestados de poder. **Punto Sur**, v. 2, p. 5-19, 2020. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/RPS/issue/view/640> Acesso em: 03 jun. 2021.